

50

MONSIEUR JUNOT

EX-GENERAL EM CHEFE DOS EX-EXERCITOS FRANCEZES

EM PORTUGAL, E SUAS PROVINCIAS,

EX-DUQUE D'ABRANTES POR GRAÇA DE DEOS,

EX-PROTECTOR DOS EX-VASSALLOS DE S. M. I. e R.

EM PORTUGAL, E SEUS FUTUROS DOMINIOS,

EX-BOLEIRISTA I. e R. NO CONGRESSO DAS DAMAS

EX-PORTUGUEZAS, NA CORTE, E SEUS ARRABALDES,

Futuro Rei de Comedia no futuro Paiz da nova Carta Geografica de Napoleão, por alcunha, o Grande,

E EX-GUERREIRO PERDIDO NAS FAMOSAS BATALHAS
DA ROLIÇA, E VIMEIRO.

&c. &c. &c.



L I S B O A,

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.

Com Licença.

MONSIEUR JUNOT

EX-GERENTE EM CHEFE DOS ESTADOS UNIDOS

EM PORTUGAL, E SUAS PROVINCAS

EX-DUQUE D'ARRANTES POR GRAÇA DE DEUS

EX-PROTECTOR DOS INVASORES DE S. M. I. e R.

EM PORTUGAL, E SUAS PROVINCAS

EX-BOLSEIRISTA I. e R. NO CONGRESSO DAS LEMAS

EX-PORTUGUEZAS, NA CORTE, E SUAS ARRANJADAS

Tuamo Rei de Camêdio no Reino P. e R. e suas LEMAS
Rei de P. e R. e suas LEMAS, e suas LEMAS

E EX-GUERRILHEIRO PERDIDO NAS FAMOSAS BATALHAS

DA ROLICA, E VIMINHO.

DE 1808

L I S B O A ,

NA IMPRESSÃO REAL. Anno 1809.

Monsieur Junot, já he tempo
De vos mostrar a amizade,
Que sempre vos consagrei,
Como Portuguez, e Frade.

Não me faltarão desejos
De vos fallar com franqueza,
Porém temia ser visto
Da canalha Portugueza.

Todos andavão á mira
Dos vossos apaixonados;
E nem hum só se escapava
A' vista destes malvados.

Em fim, cada hum de nós
Tem direito á sua vida,
Era forçoso occultar-me
Té á vossa despedida.

Agora já sem receio
Posso dar-vos francamente,
De meu singular affecto
Huma prova *Omnipotente*.

Sei que a vossa retirada
Vos foi violenta, e custosa;
Porque muito vos devia
Esta Cidade formosa.

Sei que aos vossos protegidos
Levasteis no coração,
Aond'inda existe a origem
Da Franceza protecção.

Sei finalmente que os dias,
Em que abordo vos deixarão,
Vossas Francezas entranhas
De raiva, e furor rasgarão.

Que a cada estrondo das peças
Hum *futre* acodia logo;
Mas que debalde esse *futre*
Do prazer prendia o fogo.

Que o brilho das luminarias
Vos avivava a memoria,
Das imagens lisongeiras
Da nossa Augusta Victoria.

Que viuvo de prazeres,
De respeitos, e grandeza,
Vos cercavão negras sombras
De opprobrios, e de tristeza.

Tudo isto me deo pena,
E só quando soube o dia
Em que fosteis barra afóra,
Tive completa alegria.

Agora que descansado
Já vos contemplo na França,
Quero dar-vos ledas novas
De amizade, e confiança.

Direi primeiro do Povo,
Que tanto amor vos mostrava,
Que até por não obrigar-vos
Nem o chapeo vos tirava.

Não fallo da vil canalha,
A quem faltava a razão;
Para dar o valor justo
A' Franceza protecção.

Daquella gente malvada,
Que logo chama ladrões,
A quem entra sem dinheiro,
E sahe com muitos milhões.

Daquelles, que por inveja
Do alto dom da rapina,
Chamão á Nação Franceza
Nação feroz, e malina.

Daquelles, que atordoados
Por doutrinas já rançosas,
Choravão ver prohibidas
As acções mais virtuosas:

Que avesados á piedade,
Que nos liga ao Templo Santo,
Olhando para as clausuras
Vertião amargo pranto.

Gentes sem luz, e sem tino:
Como havião comprehender,
Os fins que nisto encerrava
O vosso alto saber!

Se elles pensassem melhor,
Que bens vos não rogarião!
Tamára eu preguntar-lhes
De que os Conventos servião?

De atulhar gente bisonha
Ao ocio, e á preguiça dados!
Pois não nos era melhor
Serem quarteis de soldados?

Além disto, meu Junor,
Vós bem vieis que esta gente
Sempre foi vossa inimiga,
E do vosso Omnipotente:

Que jurou perpétua guerra
Contra o systema actual,
Que mudou o nome ás coisas,
E que chama bem ao mal.

Que tem hum Sob' rano influxo,
Nos sentimentos do povo,
Isto sempre foi constante,
Nem vos podia ser novô.

Empeços, que retardavão
Bens geraes da sociedade,
Devião ser destruidos
Pela vossa authoridade.

Era justo, e decretado
Tinha o vosso Imperador,
Que o corpo do Continente
Tomasse forma melhor.

Para o que meios seguros
Se decretarão tambem,
Todos entrão neste plano,
Os que tem, e os que não tem.

Que culpa pois tendes vós
Que contra as Leis da igualdade,
Existão ainda no mundo
Direitos de propriedade?

Que importa a quem tem da força
O Imperio sobranceiro,
Que haja hum rico, e outro rico
De bens paternaes herdeiro?

Que outros mil cortando os mares
Entre sustos, e cuidados,
Se tornem quaes firmes columnas
Dos Thronos, e dos Estados.

Que haja em fim, ou que não haja
Riqueza neste, e naquelle?
Se he preciso larguem tudo
Ainda que fiquem na pelle.

Este direito he mais claro,
He mais singello, e seguro;
E que este he o vosso direito
Ao menos té eu o juro.

Porém tornemos aos fins
Das vossas espoliações,
A quem muitos tem chamado
Trampulinas de ladrões.

Vosso mestre (já se sabe
O Grande Napoleão,)
Vos mandou a Portugal
Em General Espião.

Conheceo vosso talento,
E aproveitou na escolha,
No mais ... com vossa licença
Consenti que volte folha.

O certo he que o mais raro
Dos vossos reaes cartazes,
Fez impressões de alegria
Té na chusma dos rapazes.

Todos correndo bradavão,
Em transportes de prazer,
Graças a Deos que nas ruas
Nem hum pobre se ha de ver.

Quarenta milhões já temos,
Dizião outros sizudos,
Homens de graves talentos,
E de modernos estudos.

Em breves dias veremos
Os vantajosos progressos,
Disto a que só loucos chamão
Da ambição crueis excessos.

Junot governou Paris,
Com abundancia, e fartura,
Fará tambem que Lisboa
Participe igual ventura.

Por ora vesse obrigado
A manter a força armada,
O dinheiro que trazia
Todo ficou na jornada.

Té a famosa bagagem
Tantas vezes repetida,
Nem chegou, nem inda hoje
Se sabe onde foi perdida.

Neste caso he força urgente
Se paguem sem dilação,
As despezas, que segurem
Tão ditosa protecção.

Assim pensava, e sustinha
Vosso partido Imperial,
Gente de lume no olho,
Bons filhos de Portugal.

O mais he que ainda hoje,
Tem em vós tanta esperança,
Que até excede os limites
Do novo Credo da França.

Crem por gosto, e por vontade
Tudo contra o que se vê:
Ninguém sustenta melhor
Os caracteres da fé!

Virão Erario vazio,
Virão Cofres esgotados,
Virão ricos feitos pobres,
Virão pobres arrastados.

Virão tudo o que as más lingoas
Chamão protecção Franceza,
Que he roubar a Nação toda
Na lingoagem Portugueza.

Em vista de taes estragos,
Meu Junot, grande ventura!
Ainda ha quem vos deseje,
Té mesmo na sepultura.

Quem já tinha feito pazes
Com a fome, e c'o a desgraça,
Custa-lhe a ver-se obrigado
A ir, ou mandar á praça.

Os que já passavão dias,
Com a boca aberta ao vento,
E vós hieis costumando
A viver do pensamento.

Agora que o Fado máo
Vos arrancou dos seus lares,
Já não passam sem sustento,
Que achão mui leve o dos ares,

Entr' outros de certa classe
Vos devo ao menos contar,
Hum dos que mais vos amava
De caracter singular.

Era hum daquelles homens
Que a nova escola Egoista,
Tem convosco, e a vossa gente
Na sua comprida lista.

Hum francezinho do tempo,
Seu todo, e de mais ninguém,
Casado para desgraça
Da honesta mulher, que tem.

Como á gente desta laia,
Nunca faltou companhia,
Intendeo-se com Francezes
Tinha tudo o que queria.

A triste Esposa gemendo
C' os filhinhos abraçada,
Do tyranno Pai accende
A brutal furia malvada.

Tinha elle feito a conta
Do pouco que á Mulher dava,
Antes de entrarem Francezes,
Com que a casa sustentava.

Esta continha servia,
Faltar á casa era feio,
Chegasteis vós, teve logo
De lucrar honrado meio.

A praga dos Gafanhotos,
Que enyriára o Imperador,
Para arrazar Portugal
C'o seu Gafanhoto Mór.

Tornando-se em Sanguixugas,
Ferrário de tal maneira,
Que chuparão sangue, e ossos
A toda a Nação inteira.

Reduzida a hum esqueleto
A triste, e afflita gemia,
Sem meios de alimentar-se,
Pouco tempo existiria.

Neste caso o tal Marido,
Calculista jubilado,
Vê na vossa protecção
O mais seguro morgado.

Cerra os sebolhos, e grita,
Que não póde, que não tem,
Manda ao Diabo os Francezes,
Dá á Mulher hum vintem.

Sahe n' hum ar desesperado,
Soltando pragas ao vento,
Mas no fundo d' alma canta
Tão fecundo pensamento.

Tudo isto, meu Junor,
Deveo elle aos fins sagrados,
Que vos trouxe de tão longe
A vós, e aos vossos Soldados.

Além destes mais de hum cento
Chorão os meios perdidos;
De se nutrirem de esp'ranças,
E de pouparem vestidos.

He verdade que outros ralhão,
E qu' inda hoje tem medo,
Que o calvo Lagard o saiba,
E vão parar ao segredo.

Mas cobrando liberdade,
Se de Estrangeira Nação
Se falla em alguém, perguntão
He Francez? Pois he ladrão.

Obrigados a explicar
Esta austera consequencia,
Tomão a palhinha no ar,
Marrão com Vossa Excellencia.

Ora a mim bem me custava,
Ver tratar de roubadores,
Homens vindos para serem,
Da rapina os protectores.

Da rapina ... alta virtude
Do vosso Alcorão moderno,
Rapina, que só foi crime
Quando havia Ceo, e Inferno.

Mas depois que Engenhos raros
Derão nesta descoberta,
Já temos na liberdade
Meza franca, e porta aberta.

Exaqui o qu' inda ignora
Esta gente ralhadôra,
Por isso á Nação Franceza
Chamão Nação roubadôra.

Neste caso achei melhor
Voltar por outro caminho;
E para vos defender
Custou, mas dei-lhe hum geitinho.

Disse-lhe então que a ventura
Está sugeita a mil revezes,
Que já ditosos serião
Se não fossem os Inglezes.

Que vós, e o aureo conselho
Com singular prevenção,
Duzentos milhoes já tinha
Para empregar na Nação.

Que a conta já estava feita
Por mãos de austerá igualdade,
Que os ricos serião pobres
Até huma certa idade.

Que os pobres por consequencia,
A ser ricos passarião,
Para equilibrar os annos
Em que em penuria gemião.

Com estas, e outras coisas,
Que alli então me lembráão,
Todos com a boca aberta
Amargo pranto soltarão.

De sorte que foi perciso
Pela afflicção em que os víra,
Dizer, senhores soceguem,
Que tudo isto he mentira.

Ora eis-aqui, meu Junot,
O que com liza amizade,
Tenho por ora a contar-vos
Como Portuguez, e Frade.

Fr. J. M. J.

P. S.

Fiz esta com toda a préssa;
Mas foi tal minha desdita,
Qu'inda agora sahe impressa,
Estando á seis mezes escrita.

C A N T A T A .

A Guerra Patriótica,
Que a Patria vos chama,
Renove-se a Fama
Do vosso valor.

Da Tropa inimiga
Os brios se quebrem,
Que os peitos já fervem
Em bellico ardor.

Que raive, e braveje
O Corso ardiloso,
Tremeirá medroso
Do seu vencedor.

Desperto, e rugindo
O Leão antigo,
Do bravo Inimigo
Enfrea o furor.

Britanico Genio
Que aos Mães faz guerra,
Aos Monstros da Terra
Cobrirá de horror.

Na forma tornado
Do bravo Wellesley,
Irá dar a Lei
Ao fero oppressor.

As forças unidas
De Lusos briosos,
Triunfos formosos
Cantarão melhor.

O sangue que aos Ceos
Ped' alta vingança,
Dos Ceos vos alcança
Supremo favor...

Não vedes os campos
De mortos juncados,
Os ares toldados
De roxo vapor?

De hum Deos justiceiro,
Não vedes a Espada,
Que vai ser cravada
No peito traidor?

De Affonso não vedes,
Que a sombra formosa,
Lh'embaça vaidosa
Seu falso esplendor?

Assim do futuro
Vos descobre o véo,
Quem do furor seu
Vos fez vencedor.

Às armas Patricios
Corramos sem susto,
Lancemos o Injusto
Nas trévas do horror.

Às armas Patricios
Que o Leão não dorme,
E do Monstro informe
Se atêa o furor.

Dever respeitoso
Da Fé que nos liga,
A todos que obriga
Dá força, e valor.

Qual grossa torrente
Que vem despenhada,
De rocha escarpada
Em golpes de horror.

Vingar seus ultrajes
Na propria defeza,
Vos dá nesta empreza
O lustre melhor.

Assim sobranceiro,
Com força malina,
Causar imagina
O mesmo terror.

O pranto imprudente
Da frôxa natura,
Enchugue, segura
Da honra, o calor.

Mas peitos de bronze
Com Lusos Arnezes,
Cortarão mil vezes
Do Impio o furor.

A Patria, que impera
Sobre a vossa vida,
Não manda, convida
A' gloria melhor.

A's armas, ao campo,
A' guerra avancemos,
Que em soccorro temos
Da guerra o Senhor.

De hum Deus justissimo
Não vedes a vossa vida
Que vai ser travada
No bello traidor?

Despero, e rugido
O leão antigo
Do bravo inimigo
Entra o leão.

De Affonso não vedes
Que a sombra formosa
Luz embaça vaidosa
Seu fôco capeloso?

Britânico Genio
Que aos Mares faz guerra
Aos Monstros da Terra
Capitão de honra.

Assim do futuro
Vos descobre o vôo
Quem do furor seu
Vos fez vencedor.

Nas formas tomado
Do bravo Wellington,
Id dar a lei
Ao fero oppressor.

PELA VICTORIA DA ROLIÇA, E VIMIEIRO.

C A N T A T A.

CAntemos de Lisia
A Augusta Victoria,
Seus Nobres Triunfos
De Immortal Memoria.

Louvemos o Genio
Soberano, e forte,
Que veio arrancar-nos
Dos braços da Morte.

Do Norte as Bandeiras
Aos ares soltemos,
E da Gram-Bretanha
Os Heroes louvemos.

Nos Campos de Marte
Roliça, e Vimeiro,
C'oemos de gloria
Ao Nosso Guerreiro.

Das Nações Amigas
O Braço robusto,
O Throno sustente
Do PRINCIPE AUGUSTO.

Em ramo florente
De verde Oliveira,
Mostre a Paz á Europa
MARIA PRIMEIRA.

F I M.

PELA VICTÓRIA DA ROLIÇA, E VIMIEIRO.

C A N T A T A

Nos Campos de Maré
Roliça, e Vimieiro,
C'osmos de gloria
Ao Nosso Gueineiro.

Das Nações Amigas
O Braco robusto,
O Throno sagrado
Do PRINCEPE AUGUSTO.

Em tanto florente
De verde Oliveira,
Mostre a Paz a Europa
MARIA PRIMEIRA.

Amemos de Lizia
Augusta Victória,
Seus Nobres Trinos
De Immortal-Memória.

Louvemos o Genio
Sobetano, e forte,
Que veio arrancarnos
Dos braços da Morte.

Do Norte as Bandeiras
Aos ares soltemos,
E da Gram-Bretanha
Os Heros louvemos.